

Cidades Africanas 01: Ausências e emergências na Diáspora

Espaços, territórios e sociedades.

Organizador/debatedor: Murad Jorge Mussi Vaz/ Professor adjunto de arquitetura e urbanismo/ UTFPR e pesquisador do DALE-Decolonizar a América Latina e seus espaços/UFBA

RESUMO GERAL

Qual o impacto das múltiplas contribuições afro diaspóricas nas práticas socioculturais, simbólicas, técnicas, epistemológicas, nos mais variados campos de saber, incluindo as noções de espaço, território, lugares nas cidades brasileiras e no mundo? Muitas destas contribuições têm sido obliteradas, invisibilizadas, apagadas através de relações de colonialidade, entre as quais o racismo é a mais onipresente¹. Neste sentido, como rever as teorias urbanas que regem a práxis dominante (Delgado e Ruiz, 2012) permitindo que as linhas abissais, que dividem a zona do ser da zona do não ser, desnudadas por Boaventura de Sousa Santos (2009) sejam tensionadas, evidenciadas e, em última instância, rompidas?

As questões acima constituem-se em múltiplas intersecções acrescidas de uma invisibilização e um apagamento de saberes que não só constituem-se em um verdadeiro epistemicídio (Santos, 2009) mas que corroboram, estruturam e perpetuam um racismo estrutural que, entre suas diversas manifestações, confronta-se e conforma-se em/no espaço urbano através de territórios e lugares de exclusão, segregação e violência, mas também de resistências, insurgências, utopias, sonhos e possibilidades. Nas palavras de Quijano (1999, p.141), “La idea de raza es, con toda seguridad, el más eficaz instrumento de dominación social inventado en los últimos 500 años.” subjazendo às múltiplas hierarquias do pensamento ocidental moderno colonial, cujo combate precisa ser feito em múltiplas dimensões.

Ao buscar ampliar o debate de Sul para Sul, e a potencialidade em se aprender a partir de formas outras de ser urbano e constituir espaços e lugares, para além do paradigma ocidental moderno-colonial, três pesquisadores vinculados ao grupo DALE - Decolonizar a América Latina e seus espaços-, Céline Veríssimo (UNILA), João Pena (MP-BA) e Murad Jorge M. Vaz (UTFPR) organizaram três dossiês com temática que versa sobre a herança afro diaspórica, transversalizada em cidades africanas em África, na diáspora e insurgências e emergências, dialogando e aprendendo com os mais variados contextos, buscando olhares e reflexões cruzadas que nos permitam aprender com os “não seres”, que foram situados do outro lado das linhas abissais:

El futuro descansa en construir proyectos políticos que sean epistémicamente pluriversales y no universales, donde haya espacio para la diversidad epistémicamente crítica. Para eso, los oprimidos en la zona del ser tendrían que tomarse en serio las teorías críticas y los conocimientos críticos producidos en la zona del no-ser y, por tanto, ser capaces de construir alianzas políticas como iguales contra el «Yo» imperial en la zona del ser. Esto implica una descolonización de la

¹ Para aprofundar a questão entre racismo e colonialidade do poder, indicamos Quijano (2009).

subjetividad del «Otro» en la zona del ser. Sin embargo, la descolonización en la zona del ser no es equivalente a la descolonización en la zona del no-ser (GROSFOGUEL, 2012, p.100).

O conjunto de reflexões previstas, a partir dos três dossiês (que somam mais de trinta contributos de diversos autores e autoras, das mais variadas origens), divide-se aqui em duas sessões livres, sequenciadas, com o propósito de trazer ao debate algumas das abordagens e falas centrais aos dossiês.

A primeira sessão contempla algumas das variadas instâncias das discussões acima empreendidas desde um panorama mais amplo que reflexiona sobre arquiteturas e urbanidades em África e na diáspora, discutido por João Pena, contemplando as abrangentes discussões sobre as dimensões do racismo estrutural na constituição dos territórios, e dialogando com Fábio Velame, quando este nos convida através de “um olhar em espelho das cidades africanas tradicionais” refletir sobre a formação das cidades nigerianas iurbanas com base em “noções de ancestralidade, temporalidade e coletividade africana”. Esse olhar, que captura a pluralidade das referências trazidas pelos povos africanos escravizados, fundamentais para a formação sociocultural brasileira, nos permite reconhecer as nuances da conformação do espaço urbano brasileiro, através de uma abordagem praticamente inexistente em nossas escolas de arquitetura e urbanismo. Ao cruzar olhares com outros contextos, Andréia Moassab nos instiga a refletir, a partir de Cabo Verde, sobre “as dificuldades dos países pobres em alçar sua autonomia, em suas múltiplas faces, na geopolítica internacional” partindo desde uma discussão sobre o “fascismo simbólico” contemplado desde dos mapas coloniais até” à subalternização na produção de sentidos na atualidade”.

Referências:

FARRÉS DELGADO, Yasser; MATARÁN RUIZ, Alberto. Colonialidade territorial: Para analisar Foucault no quadro da desterritorialização da metrópole. Notas desde Havana. Tabula Rasa [online]. 2012, n.16, p.139-159.

GROSFOGUEL, Ramón. El concepto de «racismo» en Michel Foucault y Frantz Fanon: ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser? Tabula Rasa, n. 16, enero-junio, 2012, pp. 79-102.

QUIJANO, Aníbal. ¡Qué tal raza! ECUADOR DEBATE. Quito-Ecuador, dez. 1999, n.48, p 141-151.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In.: MENESES, Maria Paula e SANTOS, Boaventura de Sousa (org). Epistemologias do Sul. Edições Almedina, SA, Coimbra: 2009.

PALESTRA 01: URBANIDADES, ARQUITETURAS E ATUALIDADES NA ÁFRICA E NA DIÁSPORA

João Pena - Urbanista do MPBA; pesquisador do iDALE!/UFBA

A academia brasileira é historicamente influenciada pelo domínio epistemológico europeu. Nos campos da arquitetura e do urbanismo isso não é diferente. Pouco circulam estudos que tanto (1) tratem de realidades de cidades e experiências urbanísticas do Sul Global, sobretudo do continente africano, quanto (2) de teorias e epistemes oriundas de locais distintos do Norte Global. Mesmo no giro decolonial, apesar de raça ser uma questão central, a discussão sobre a herança africana nas cidades da América Latina ainda requer bastante esforço. Nesse sentido, o dossiê sobre cidades africanas na África e na diáspora visa contribuir com o giro decolonial fazendo uma aproximação com os estudos sobre e a partir da África e dos diversos contextos urbanos afrodiaspóricos. É um esforço que busca também romper com a história única construída pela modernidade-colonialidade sobre a África, o povo negro e as cidades africanas. De igual modo, é preciso interromper o epistemicídio promovido e sustentado pelos circuitos acadêmicos hegemônicos e eurocêntricos que ignoram, silenciam e apagam saberes e experiências arquitetônicas e urbanísticas produzidas pelo povo preto. Desse modo, queremos complexificar o debate sobre o urbano e empretecer os campos da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

PALESTRA 02: AS CIDADES IORUBÁS: AS CIDADES HISTÓRICAS E SAGRADAS DA NIGÉRIA

Fábio Macêdo Velame/Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA

Os povos iorubás construíram importantes reinos e impérios entre os séc. XVI-XIX, nos países que correspondem atualmente à Nigéria e Benin, África Ocidental, que constituíam a “Iorubalândia”, particularmente o grande império de Oyo. Os iorubás, juntamente com outros povos da África Ocidental, foram a última leva de escravos para o Brasil, entre o final do séc. XVIII e durante todo o séc. XIX até a abolição em 1888, no chamado ciclo da Baía do Benin. Contribuíram para formação cultural do Brasil, sobretudo no surgimento e institucionalização do Candomblé e na estruturação dos bairros negros no qual esses terreiros são centros geratrizes. Nesse viés, torna-se fundamental para a compreensão dos territórios afro-diaspóricos no Brasil. Trata-se de um olhar espelhado das cidades africanas tradicionais, históricas e sagradas que preservam e ressignificam cosmogramas espaciais, cosmo-percepções, éticas, valores e estéticas conservadas e recriadas no Brasil. Para tanto, se torna necessário estudar o surgimento, desenvolvimento, estruturação e organização espacial das cidades históricas e sagradas iorubanas da Nigéria, a partir das noções de ancestralidade, temporalidade e coletividade africana, observando os seus elementos centrais: palácios, templos, mercados e bairros étnicos (egbés-compound) a partir das cidades de: Oyo, Ibadan, Oxubô, Ilê Ifé, Ejebu.

PALESTRA 03: CABO VERDE ENTRE MUNDOS: TERRITÓRIO, AMBIENTE E NARRATIVAS EM DISPUTA.

Andreia Moassab/Professora de arquitetura e urbanismo/UNILA

Das representações invisibilizadas nos mapas coloniais à subalternização na produção de sentidos na atualidade, discorre-se aqui sobre as dificuldades dos países pobres em alçar sua autonomia na geopolítica internacional. Da dominação colonial à sujeição ao capital internacional, na perspectiva dos países africanos, só foram alterados, quando muito, os atores dominantes, permanecendo a relação de opressão. A manutenção da excessiva influência do Norte nos países do Sul (antigas colônias) em termos econômicos, políticos e culturais perpetua a lógica colonizadora. Debatendo a partir do desgastado termo “sustentabilidade”, avança a partir dos mapas, com a Europa no centro, para o discurso ambientalista construído pelos países ricos, que mantendo a centralidade da produção de sentido no Norte Global, segue impondo a sua perspectiva a realidades geo-históricas distintas. Contudo, Cabo Verde tem se esforçado para se posicionar criticamente, como mostram alguns trabalhos artísticos recentes que expõem o modo como grupos econômicos internacionais, deflagram uma forte concorrência para acessar a recursos primários necessários à industrialização e ao consumo, solapando territórios e comunidades nos países pobres. Em paralelo, um largo contingente populacional permanece sem atendimento de suas necessidades básicas, numa geopolítica bastante evidente: é nos países pobres que estão os maiores impactos ambientais provocados pelo capitalismo.